

O Controle do Imaginário: Especulações Marginais

Idemburgo Frazão¹

RESUMO

Este trabalho, que busca refletir sobre a possibilidade do surgimento, na contemporaneidade, de novas vertentes do Controle do Imaginário, é, em parte, centrado na lembrança de alguns dos estudos de Luiz Costa Lima, realizados a partir dos anos 1980. Tais reflexões devem ser entendidas, principalmente, como forma de expressar gratidão pelo trabalho coerente de um professor que ampliou, com seriedade, as perspectivas críticas e conceituais dos estudos literários. A trilogia do Controle do Imaginário, composta pelas obras, *O controle do imaginário - Razão e Imaginação nos Tempos Modernos*; *Sociedade e Discurso Ficcional* e *O fingidor e o sensor*, tratam da presença de mecanismos de controle (burgueses, seculares ou religiosos) na literatura, como, por exemplo, o momento em que o pensamento ocidental passou a ter como objeto a ficção, sob a supremacia da razão. Partindo da menção a aspectos destacados, relacionados ao trabalho de Costa Lima, ao longo de sua trajetória reflexiva, o presente texto busca pensar na possível ampliação das perspectivas do “Controle”, na contemporaneidade, sob o viés da classe social, das identidades e das marginalidades. Se o controle cunhado e estudado por Luiz Costa Lima iluminou aspectos relativos à relação entre ficção, razão e sociedade, ainda sob certo crivo eurocêntrico, não menos importante, se torna refletir sobre a ocorrência da marginalização literária, em várias de suas nuances e em tempos diferenciados da literatura, como resultado de um controle que estabelece, por exemplo, quem pode ser reconhecido como poeta ou escritor. As elucubrações contidas neste texto se inserem, direta ou indiretamente, na questão da revisão, ou na desconstrução do cânone (mas não é essa a questão central deste trabalho). O mais importante será retomar aspectos relativos a temas trabalhados por Costa Lima e a tentativa de ampliar o âmbito de atuação dos estudos sobre o Controle por ele trabalhado.

Palavras-chave: literatura ocidental; Luiz Costa Lima; *O controle do Imaginário*; identidades; marginalidades.

ABSTRACT

This paper, which seeks to reflect on the possibility of the emergence, in the contemporary, of new aspects of the Control of the Imaginary is, in part, centered in the memory of some of the studies of Luiz Costa Lima, performed since 1980. Such reflections should be understood primarily as a way of expressing gratitude for the coherent work of a professor who has broadly extended the critical and conceptual perspectives of literary studies. The trilogy of the Control of the Imaginary, composed by the works, *The Control Of The Imaginary - Reason And Imagination in Modern Times*; *Society And Fictional Discourse* and *The Preacher and The Sensor*, deal with the presence of mechanisms of control (bourgeois, secular or religious) in literature, such as the moment when the western thought began to have fiction under the supremacy of reason. Starting from the mention of important aspects related to the work of Costa Lima, throughout its reflective trajectory, this paper seeks to think of the possible expansion of the perspectives of "Control", in the contemporary world, under the bias of the social class, of the identities and of marginalities. If the control coined and studied by Luiz Costa Lima illuminated aspects related to the relation between fiction, reason and society, still under certain Eurocentric scrutiny, no less important, it becomes reflected on the occurrence of literary marginalization, in several of its nuances and times differentiated from literature, as a result of a control that establishes, for example, who can be recognized as a poet or writer. The elucubrations contained in this text are inserted, directly or indirectly, in the question of revision, or in the deconstruction of the canon (but this is not the central question of this work). The most important is to return to aspects related to themes worked

¹ Bolsista de Produtividade em Pesquisa pela FUNADESP; Professor da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Humanidades Culturas e Artes da Unigranrio; Doutor em Literatura comparada (UFRJ); Mestre em Literatura Brasileira pela (UERJ). Autor de *O Livro das Figuras* (poesia), dentre outros; Co-autor da Biografia *Clementina Cadê Você* (LBA/FUNARTE-) e de *Diálogos: Sobre Leitura e Cultura*. Também conhecido no campo da música e da poesia como Guinho Frazão) E-mail: idfrazao@uol.com.br

by Costa Lima and the attempt to broaden the scope of work of the studies on the Control that he worked on.

Keywords: Western literature; Luiz Costa Lima; The control of the Imaginary; identities; marginalities.

O CONTROLE DO IMAGINÁRIO: ESPECULAÇÕES MARGINAIS

Seria possível pensar na problemática do controle do imaginário no que diz respeito à literatura contemporânea? Em que sentido se poderia afirmar que o controle do ficcional se instaura, na literatura, na atualidade, em um momento em que os estudos culturais ascendem a patamares acadêmicos pouco esperáveis há pouco tempo atrás? Aspectos extrínsecos como os da identidade e das etnias têm sido desentranhados de textos literários, sem que, muitas vezes se destaque se tratar de um trabalho que tem como artefato a ficção. A reflexão sobre as bases mesmas em que se instauram as estratégias ficcionais, na atualidade têm, cada vez mais, ficado à mercê de estudos que, muitas vezes, elidem a importância do conhecimento das instâncias constitutivas da literatura enquanto construto ficcional. Mas é mesmo nefasto o estudo que parte da literatura, dialogando com outras áreas de estudo e volta a ela? Tynianov não apontava, entre os formalistas russos, a importância do diálogo entre as “séries”, e, direta ou indiretamente, para o excesso de formalismos?

A preocupação com a distinção entre narrativa ficcional e a outras narrativas (a reflexão sobre as “identidades literárias”), que vem desde os primeiros formalistas e que Costa Lima tem iluminado, dá a ele enquanto profissional que atuou, durante décadas, nas áreas da história (PUC Rio) e da literatura (CUP, UERJ, dentre outras), uma distinção ainda maior. Seguindo trilhas que remetem aos primeiros trabalhos sobre a literariedade, no início do século XX, tratados em obras como *Teoria da Literatura em suas Fontes*, o estudioso maranhense traz para a contemporaneidade importante contribuição, principalmente pela coragem de, remando contra as correntes em voga, mergulhar nas fontes nada cristalinas dos primórdios da(s) teoria(s) literárias, entendendo que a questão do controle do ficcional tem uma forte relação intrínseca com o que aqui se denominará identidades literárias, que dialoga com aspectos inerentes às teorias da literatura, fundamentalmente com a problemática do conceito de mimesis e suas variações ao longo da modernidade.

Entre as questões discutidas na chamada trilogia do *Controle do Imaginário* - composta pelas obras *O controle do imaginário - Razão e Imaginação nos Tempos Modernos*; *Sociedade e Discurso Ficcional* e *O fingidor e o sensor* - está a presença de mecanismos de controle

(burgueses, seculares ou religiosos); o momento em que o pensamento ocidental passou a ter como objeto a ficção; a supremacia razão sobre a imaginação, dentre outras. Partindo dessa menção a aspectos importantes da literatura trazidos à discussão por Luiz Costa Lima, ao longo de sua trajetória reflexiva, o presente trabalho busca pensar nas possíveis ampliações das perspectivas do “Controle”, na contemporaneidade, sob o viés das margens ou marginalidades; da classe social, dos gêneros e das identidades. Se o controle cunhado e estudado por Luiz Costa Lima iluminou aspectos relativos à relação entre ficção, razão e sociedade, não menos importante, se torna refletir sobre a ocorrência da marginalização literária, em várias de suas nuances e em tempos diferenciados da literatura, como resultado de um controle que estabelece quem pode ser reconhecido como poeta ou escritor.

A discussão aqui proposta se insere direta ou indiretamente, na questão da revisão, ou na desconstrução do cânone. Aliás, afirma-se, a partir dessa perspectiva, que o rol das obras e/ou escritores canônicos se estabelece a partir de inclusões e exclusões, cujo critério de escolha não deixa de se caracterizar como controle da tradição literária vigente e que as vanguardas exercem um des-controle, ou, para remeter a Jacques Derrida, uma desconstrução do estabelecido.

A boa aceitação pelos críticos de uma obra carecia sempre de um respaldo acadêmico como ocorreu, no Brasil, com a polêmica que envolveu o jornalista Audálio Dantas e a autora de *Quarto de Despejo*, Carolina Maria de Jesus, que foi por muitos visto como uma espécie de tutor da ex-catadora de papel. O controle ter-se-ia dado (nesse caso, de forma direta e explícita) pela imposição da linguagem culta como único caminho dos “candidatos” a cânone. Se o ficcional, o uso da imaginação livre não é tolhido, efetivamente, o fato de reorientar os escritos, motivado por uma suposta deficiência de redação da escritora, em termos de domínio da língua culta, sua efetiva identidade literária é, se não destruída, condicionada por uma visão externa, alheia à maneira mesma como a obra foi criada e, inclusive, apreciada. Mas, como sabemos não apenas o tempo funciona como aguarrás, também a capacidade *poiética* se ergue como potente corrosivo da mesmice e da estagnação literária. E a obra de Carolina continua apontando para a difícil relação entre a visão acadêmica, os desvios da linguagem (o preconceito racial, social e linguístico) e da cultura popular.

Lima Barreto, também já bastante conhecido, teve por muito tempo suas obras lidas por um crivo (razoavelmente implícito) que tinha como foco o fato de o escritor impor em suas obras um forte teor biográfico e de ser “desleixado” (como afirmou a crítica literária Lúcia

Miguel Pereira. O controle do ficcional, se dava por entender que deveria haver um maior distanciamento da criação, no caso dos romances e/ou contos da vida do autor. Pois, como se sabe, o maior valor da obra limabarretiana, na contemporaneidade, está exatamente na coragem que o escritor tinha de impor sua visão ácida, crítica, de maneira direta e objetiva, o que o distanciava do cânone literário, Machado de Assis, detentor da conhecida “ironia fina”. Hoje, percebe-se e se admite, que tanto a ironia fina machadiana, quanto a ironia mais explícita, que beira à chalaça (FÉLIX, 2008), de Lima Barreto, atingem patamares criativos, peculiares e importantes, cada qual ao seu estilo, para a Literatura Brasileira. Mas tal reorientação de leitura não se deu com facilidade. Custou ao autor suburbano, periférico nas várias acepções dessa palavra, internações em espaços psiquiátricos e dissabores constantes.

O ficcional, teria que se isolar do cotidiano, problematizá-lo à distância? Desviando-se, propositadamente, do cânone, Lima Barreto teve muitas dificuldades para impor seu estilo e, mesmo ser respeitado, aceito como bom romancista. Poucas vezes, ou nenhuma vez, se pensou que tal reposicionamento da obra limabarretiana perante o cânone literário brasileiro se deve a uma quebra de controle. Para utilizar esse termo já destacado, cunhado por Costa Lima, pode-se afirmar que o controle do ficcional estava, não na oclusão da imaginação livre, mas na visão de que haveria uma diminuição das funções das instâncias ficcionais, quando um autor aproximava “exageradamente” de sua própria biografia.

A aceitação e o respeito adquirido pelas obras ficcionais de Lima Barreto tornou-se tão grande, que trouxe luz a outro tipo de produção, por muitas décadas alijada do panteão canônico: o gênero crônica. Principalmente na virada do século XX para o XXI, as crônicas de Lima Barreto e João do Rio voltaram às discussões, e, mais, entraram para os currículos acadêmicos. Não se pode mais deixar de lado as crônicas desses dois autores e, já não é mais “proibido” tratar da cidade e dos seus habitantes como algo importante. O hibridismo da crônica ajudou a “des-controlar” o cânone, ou seja, auxiliou na diluição do controle em relação à crônica.

O controle do Imaginário, como foi pensado por Luiz Costa Lima, apontava para aspectos literários fundamentais, tendo como referência costumeira teóricos e teorias advindas de estudiosos internacionalmente consagrados. Como Luiz afirma em sua entrevista a Roberto Acízelo (BASTOS, (2010) não escolheu trabalhar com literatura por inclinações artísticas, como aconteceu com muitos de seus colegas nordestinos, como conhecido poeta e tradutor

Jorge Wanderley, colega de Costa Lima, no curso de Letras da UERJ, cujo conhecimento mútuo já iniciara nos tempos da Universidade Federal do Recife.

COSTA LIMA E SUAS FONTES

Costa Lima, costumeiramente, vai buscar nos primórdios do conhecimento ocidental base para seus argumentos, pondo-os em diálogo com outros de origem contemporâneas, pensados por teóricos de renome. A erudição (não a comum, corriqueira, mas a trabalhosa, vivenciada cotidianamente) é uma das marcas mais visíveis da obra de Luiz, que se perpetua em inúmeros de seus pósteros. Dentre suas inúmeras contribuições em termos de reflexões literárias, está a problemática das metamorfoses da “mimesis” ocidental, como costuma afirmar, hoje marcada menos pela semelhança que pela diferença; da representação social na literatura, que poucos comentam na atualidade, mas que se tornou relevante em suas análises sobre Machado de Assis, contidas, por exemplo, em *Dispersa Demanda*, livro publicado em 1981, quando ainda ministrava aulas no CUP, Centro Unificado Profissional, em uma pequena e pouco conhecida rua do imenso bairro de Jacarepaguá, chamada Albano, que fica próxima à Praça Seca, no Rio de Janeiro.

Uma pergunta importante poderia surgir na discussão dos “controles” do ficcional, em seus diversos sentidos. A questão central seria exatamente sobre o porquê e a origem do cânone, ou dos cânones. A resposta teria que remontar à própria problemática da tradição e dos poderes nas sociedades. O cânone se ergueria, assim, a partir do (nem sempre simbólico, para parodiar Garcia-Canclini) poder de determinadas classes, autores (e “temas canonizados” nos períodos em que vanguardas se erguem suplantando as tradições).

Em *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*, (BASTOS, 2010) vários estudiosos abordam questões que são fundamentais para a melhor compreensão da trajetória desse autor que, há décadas reflete sobre aspectos fundamentais da Literatura Ocidental. Sua ênfase na problemática da ficcionalidade, do uso livre da imaginação, liberto de amarras e do eixo mesmo em que a literatura enquanto arte encontra seu oxigênio – na imaginação, por si só, já aponta para a necessidade de se divulgar e discutir as ideias contidas em sua extensa obra.

A imaginação, a inventiva, nesse momento em que vivemos, torna-se um traço negativo, retomando a ideia de Platão relativa à atuação do poeta na Polis. Se a poesia atrai a reflexão para dentro de suas próprias veias, ou seja, se efetiva enquanto objeto que se auto-reflete, a relação entre mundo e realidade tornar-se-ia impossível, ou extremamente fragilizada. Entretanto, retomando o pensamento de Iuri Tynianov, a respeito do trato do estudo das séries,

percebe-se que é possível trabalhar com a imaginação em um desdobramento “poiético”, simultaneamente, refletindo a partir das formas poéticas, sob o foco de um eu-lírico que, já ao pensar em si, realiza uma atividade diretamente referente ao mundo circundante, pois o poeta é também um ator social que ao pensar em si, traz elementos fundamentais de sua vivência em sociedade, do que memorizou advindo do cotidiano ou dos livros. Pode-se depreender do que afirma Maurice Halbwachs sobre a memória individual que, por mais que se pense o contrário, não é totalmente individual, pois está impregnada de elementos da memória coletiva. (HALBWACHS, 2006) Assim, percebe-se que ao particularizar, o autor permite que seus leitores possam, além de contemplar ou, aceitar diretamente as opiniões dos autores, possa, ele mesmo participar, ter suas próprias interpretações. Como se pode perceber, na leitura dos estudos de Wolfgang Iser, um texto literário como que deixa, em seu texto, espaços de suplementação de sentido. Luiz Costa Lima seguindo esse pensamento de Iser (LIMA, 1979) preocupa-se exatamente como a coação que a interpretação pode sofrer, caso não se garanta a liberdade da liberdade ficcional.

Dentre os inúmeros exemplos de momentos em que essa liberdade se perde em meio a aspirações diversas, como a da intenção de usar a literatura como veículo em prol das ideias de Identidade Nacional, ocorrida na vigência do romantismo no Brasil, quando autores como Ferdinand Denis apontava para um perfil identitário centrado no que Maria Helena Rouanet sintetizou como “Eternamente em Berço Esplêndido”. O ficcional cede espaço para a apresentação de uma proposta identitária para o país. Obras como *O Brasil não é Longe daqui*, de Flora Sussekind, ampliam essas discussões, seguidas por vários autores que tiveram imenso contato com ele, como a própria Flora Sussekind, Maria Helena Rouanet, João César de Castro Rocha, como muitos outros. O ficcional se punha a serviço da ideia de identidade nacional, naquele momento em que a idealização romântica servia como excelente meio condutor, seguindo as aspirações do início do século XIX, no mundo ocidental.

Apontar para a diferença como marca profunda da mimesis na contemporaneidade, ou, a revisão desse conceito na modernidade, como tem feito o autor de *Pensando nos Trópicos*, significa também, abrir caminho para uma visão da literatura menos marcada pelo atrelamento das estratégias e mesmo temas literários com a realidade circundante. Daí a ênfase em autores como Cervantes, Stern, Machado de Assis, os “für romantiker”, os primeiros românticos, como tantos outros que provocam estranhamento (distanciamento) proposital das expectativas da mimesis, exploradas, como a cunhou Aristóteles, ou trabalhadas por outro autor importante para Costa Lima: Erich Auerbach – autor de *Mimesis*.

A ênfase reflexiva na mimesis centrada na imitação, fundamental para as primeiras ideias e vivências do homem ocidental com a arte, não exclui a possibilidade e realidade da evolução dos conceitos, juntamente com as mudanças do pensamento humano, ao longo da formação da civilização ocidental. A importância do entendimento da mimesis pelo viés da diferença torna efetivamente mais coerente os estudos literários contemporâneos.

A ATUALIDADE DO (DES)CONTROLE

Seria possível pensar nas dificuldades das vanguardas de se impor, pelo controle da tradição? Embora tal controle se mostre mais explícito, não deixa de ser uma luta pelo controle do ficcional, ou pelo poder na literatura. Embora nem sempre o controle se dê pelo encarceramento da imaginação, ou das estratégias construtivo-literárias, mas, dentre outras, por influência da Crítica Literária, no caso acadêmico, que “julga” obras a partir de instâncias eruditas, como ocorre, por exemplo, com certo reforço da divulgação do concretismo exercido pelo Suplemento Dominical do Brasil, na década de 1950 e 1960, das poesias do concretismo e de uma parte da crítica literária que se instaurava. Não se trata, aqui, de apontar para a qualidade das obras mencionadas ou sua ausência, mas refletir sobre a forma como os direcionamentos de leituras se dão. Mais recentemente, a revista Caros Amigos deu ênfase à publicação de obras de autores, hoje bastante conhecidos no meio acadêmico, que se auto denominam escritores marginais de periferia. Mesmo reconhecendo a importância desses meios para a divulgação das vanguardas - no caso dos exemplos, a poesia concretista e a poesia dos autores da COOPERIFA -, o que se destaca é que não deixa de ocorrer uma mediação, ou “qualificação” do produto “marginal”, que funciona como um implícito passaporte aos estudos acadêmicos. Seria tal passaporte uma espécie de controle (do ficcional ou índice qualidade)?

Em todas as reflexões sobre o controle, a ideia de poder, de alguma maneira, emerge como eixo. O que variaria, portanto, seriam as formas de poder. De imediato vem a mente a ideia de poder simbólico, cunhado por Pierre Bourdieu. Em vasto sentido, o Controle é exercido a partir de um poder que, na maioria dos estudos de Luiz Costa Lima, estaria centrado em um poder simbólico quase sempre “invisível”. Na aproximação da reflexão sobre o poder simbólico, aqui mencionada, pode-se pensar na importância dada pelo autor maranhense aos estudos de Immanuel Kant, não apenas em sua Crítica do Juízo ou da Razão Prática, mas fundamentalmente naquele cuja principal preocupação se encontra na cognição humana, o

contrário do que se esperaria, já que estão, em sua última Crítica, a do Juízo, os estudos mais diretamente relacionados à arte.

É na *Crítica da Razão Pura* que Kant estabelece os limites da cognição humana, portanto os princípios mesmos do pensamento reflexivo. Se na Crítica da Razão Pura se reflete sobre o comportamento social, na terceira, a Crítica do Juízo, o pensamento kantiano se abre às instâncias da criação humana e sua relação com o aparato transcendental. Se os *a priores* do tempo e do espaço são condições essenciais para a cognição humana em suas bases mais primárias e se o homem tem liberdade para seguir a lei, os artefatos criados pela imaginação humana não são menos importantes.

Costa Lima levou para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nas últimas décadas do século XX, essas discussões a partir obra de Kant que, apenas aparentemente não se relacionavam ao estudo literário. Décadas posteriores seus antigos alunos valorizaram ainda mais a importância das indagações e das inúmeras reflexões sobre as Críticas kantianas promovidas pelo autor de *Mimesis e modernidade*, que em algumas de suas aulas, no Mestrado em Literatura Brasileira, era acompanhado do pelo filósofo francês Erick Alliez. Ao pensar nas instâncias literárias, o entendimento do aparato cognitivo, suas limitações e devaneios (no caso da terceira Crítica) auxiliam bastante na compreensão dos momentos em que a criatividade do artista se distancia mais ou menos do que a natureza, o cotidiano, propiciam.

ASPECTOS DO CONTROLE DO IMAGINÁRIO, IDENTIDADES E MARGINALIDADES

A ênfase no cotidiano ou a explanação de questões inerentes às periferias, muitas vezes são entendidas, quando se reflete sobre a qualidade do texto ficcional, como menores, dão uma conotação negativa a obras que fazem da vivência mesma de uma pessoa o eixo de uma narrativa ou poema. Se não se pode denominar a essa visão um controle do imaginário, por, exatamente problematizar uma maior potencialização do real que das estratégias da invenção, deve-se entender que há um controle do que deve ser apreendido como literário. Assim, o controle do ficcional também pode ser exercido ao se pensar que apenas o afastamento da ficção da biografia dos autores pode ser entendido como criativo. Essa questão, já superada por inúmeros estudiosos, ainda é, entretanto, implicitamente, sorrateiramente, uma regra de valor. Autores que se autodenominam autores marginais de Periferia (NASCIMENTO, 2009) têm enfrentado problemas e os superado, ao criarem seus próprios espaços de atuação, criação e circulação das obras. O movimento surgido na

comunidade do Capão Redondo, em São Paulo, é um bom exemplo disso. Em bares, campos de futebol da comunidade do Capão Redondo, foram criados eventos que ampliaram reflexões sobre a relação entre a escrita da periferia e o meio acadêmico. João César de Castro Rocha, ao escrever um texto denominado, “Guerra de Relatos”, aponta para a maneira como autores como Ferrez, Sacolinha e Sérgio Vaz enfrentaram o controle que estabelecia lugares, temas e formas literárias. João César costuma pôr em discussão o que denomina dialética da marginalidade, posta em oposição à conhecida “dialética da malandragem”, proposta, há décadas por Antônio Cândido. Na primeira dialética, o malandro ainda, de alguma maneira, depende de uma “autorização” para realizar e divulgar suas obras. O malandro transita entre classes e se “equilibra” para tornar-se visível, atuante. O marginal, efetivamente impõe sua maneira de viver, falar e pensar, que ainda causa espécie a conservadores em termos de arte. O grafite, certas maneiras de criar arte em lugares não canônicos, como em latrinas, a letra do Rap como texto literário, têm sido estudados nas universidades o que mostra que o controle se desmembra e se metamorfoseia. Mas o “des-controle” já ocorre. Em diversos estudos, já se aponta para novas e importantes vias literárias, que não olvidam a escrita (e, mais ainda), a escrita acadêmica, mas não a tomam como condição única do literário.

CONCLUSÃO

Sempre tentando responder à pergunta suscitada por seu pai, ainda no Maranhão, “- Por que Literatura?”, Luiz Costa Lima dispersa demanda quando vai buscar a teoria da literatura em suas Fontes, em caminhos críticos poucos esperáveis em um país em que se desprivilegia, cada vez mais a cultura e as Humanidades. Luiz, pensando nos trópicos, visando a uma reflexão teórica menos “auditiva”, segue na contramão das veleidades que caracterizam muitos dos estudos acadêmicos. O autor de *A perversão do Trapezista* entende que, realmente se ultrapassa os limites de estudos literários centrados em alimentar a mesmice de uma elite que ele entende como pseudoletuada. Os limites da voz reflexiva, devem ser ultrapassados, apontam os estudos de Costa Lima, na busca constante de superar um remoinho de dificuldades culturais, em uma terra inóspita e ignota em termos de pensamento independente. Resistindo a por sua biografia em primeiro plano, Costa Lima não deixa de trabalhar com a relação mimesis e vida, com sociedade e discurso ficcional.

No desenvolvimento deste artigo, como se pôde perceber, tentou-se apontar para possíveis vertentes do *Controle do Imaginário*, na contemporaneidade e, mais ainda, refletir

sobre os descontroles do ficcional, assim como prestar uma afetiva homenagem ao professor que abriu caminhos reflexivos e impôs respeito aos estudos literários, como o fizeram vários outros literatos de sua geração, como Silviano Santiago, Roberto Schwarz, Afonso Romano de Sant'Anna, dentre vários outros, e o mestre maior, Antônio Cândido.

Ao apontar para as margens do Controle, Luiz, mesmo sem os mencionar, não deixa de tangenciar aspectos da lira de um Manuel Bandeira, da anti-líra de João Cabral de Melo Neto, ou da atonicidade de um Sebastião Uchoa Leite. Luiz Costa Lima tratou da ficção e do poema, refletiu sobre o redemunho do terror, nas margens do ocidente. Enfim, seus estudos como os da mimesis são também um desafio ao pensamento. Mesmo em seus “Escritos de véspera”, relançamentos de obras já publicadas, que retomam textos como *Dispersa Demanda*, Luiz faz intervenções argutas. Têm-se, agora que o autor chega à casa dos oitenta anos, uma vasta obra que sintetiza, em si, a resposta à sua pergunta mais antiga: Por que Literatura?

BIBLIOGRAFIA

- BASTOS, Dau. **Luiz Costa Lima, uma obra em questão**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010
- FÉLIX, Idemburgo P. Frazão. “**O Bruxo e o louco**: a sátira e a chalaça nas crônicas de Machado de Assis e Lima Barreto”. São Paulo: ABRALIC, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LIMA, Luiz Costa. (org., trad. e notas) **A Literatura e o Leitor**. Textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Mimesis e modernidade - formas das sombras**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- _____. **Dispersa demanda**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- _____. **Sociedade e Discurso Ficcional**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1986
- _____. **O fingidor e o Sensor, no Ancien Regime, no Iluminismo e Hoje**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1988.
- _____. **O controle do Imaginário - Razão e Imaginação nos Tempos Modernos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1989.
- _____. **Pensando nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- _____. **Os limites da voz - Kafka**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- _____. **Limites da Voz - Montaigne, Schlegel**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

_____. **Vida e mimesis.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Vozes Marginais na Literatura.** Rio de Janeiro: Aeroplano.
2009.

*Recebido em setembro de 2018.
Aprovado em dezembro de 2018.*